

## Vozes em movimento:

narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

**Resumo:** Diante das mudanças sociais contemporâneas, tais como os crescentes avanços tecnológicos e de relações transnacionais, identificamos que frente à grande diversidade linguística e sociocultural, uma visão inclusiva no que se refere à imigração, língua e educação é indispensável, já que uma das primeiras barreiras que os imigrantes encontram ao chegar à um novo país é a língua. Este artigo objetiva explorar como se dá a integração de imigrantes na cidade de São Paulo, buscando compreender como os processos de aprendizagem de línguas aconteceram em contextos translíngues. Por meio de metodologia qualitativa, esta pesquisa coletou autonarrativas de falantes translíngues para análise. Alguns resultados apontam para uma aprendizagem de línguas permeada por um conjunto de emoções, identidades e desafios. Outrossim, apontam para as contribuições das teorias sobre translinguismo no contexto educacional.

**Palavras-chave:** Translinguismo. Imigração. Educação linguística. Pesquisa narrativa.

## Voices in motion: narratives about immigration and translanguaging in language education

**Abstract:** Regarding contemporary social changes, such as the increase in technological advances and transnational relations, we have identified that an inclusive view in relation to immigration, language and education is indispensable when one thinks of linguistic and sociocultural diversity. In this sense, one of the first barriers immigrants find when they arrive in a new country is the language. This article seeks to explore how immigrants living in São Paulo city have been integrated in society and how the language learning processes have taken place in translanguaging contexts. Of qualitative nature, this research used the collection of self-narratives of translanguaging speakers for analysis. Some results point to the fact that language learning is imbued with a set of emotions, identities and challenges. Similarly, the results showcase the importance of translanguaging theories for educational contexts.

**Keywords:** Translanguaging. Immigration. Language education. Narrative research.

## 1 Considerações iniciais

Historicamente, a sociedade brasileira foi construída com base em grandes deslocamentos populacionais. Exemplo disso é o enorme fluxo de africanos traficados para terras americanas ou a chegada de representantes das mais diversas nacionalidades que chegaram ao Brasil nos séculos XIX e XX para trabalhar nas lavouras de café e na indústria recém-implantada. De acordo com Rios Neto (2005), a imigração de italianos entre o final do século XIX e o início do século XX incluiu mais de 800.000 imigrantes. O fluxo de imigrantes japoneses, por sua vez, contou com cerca de 200.000 imigrantes na primeira metade do século XX. Entretanto, como colônia, os relatos acerca da imigração no Brasil começam muito antes, já que, segundo Patarra e Fernandes (2011, p. 360), “a história da imigração no Brasil inicia-se com os portugueses no contexto da colonização, visando a apropriação militar e econômica da Terra”. Ainda, segundo os autores, isso se deu por meio do “tráfego de escravos africanos, movimento migratório forçado que perdurou por três séculos (até 1850) e introduziu na colônia cerca de 4 milhões de cativos”. Assim é que “nos quase 130 anos que separam este momento da década atual, o país passou de receptor de mão de obra para país de emigração, na década de 80 do séc. XX e seguintes, até se transformar, no início de 2012, em local de destino de grande número de imigrantes de países limítrofes e também de países do Hemisfério Norte” (PATARRA; FERNANDES, 2011, p. 360).

Nesse contexto, a cidade de São Paulo conserva relações estreitas com os imigrantes chegados de diversas partes do mundo. De acordo com dados do Arquivo Público do Estado de São Paulo (SÃO PAULO), o intenso processo de acolhimento de estrangeiros deixou marcas profundas na sociedade paulista, o que pode ser comprovado por meio de sua fala, costumes, culinária, arte e também através de documentos históricos produzidos pela administração pública, como os registrados no Museu da Imigração, que preserva a

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

*Daniel de Mello Ferr*

*Marina Evangelista*

memória de pessoas que chegaram ao Brasil por meio da Hospedaria de Imigrantes<sup>1</sup>.

Atualmente, a imigração de pessoas provenientes de países hispanofalantes da América do Sul, como Bolívia e Venezuela, cresce a cada dia, fazendo com que, mais uma vez, nosso país seja palco de transformações culturais, sociais e linguísticas. De acordo com dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública (2019), o Brasil registrou mais de 700 mil imigrantes entre 2010 e 2018 (BRASIL, 2019). Desse total, 492,7 mil são imigrantes de longo termo, ou seja, estrangeiros que permanecem por mais de um ano no País.

O Relatório Mundial de Migração, publicado em 2020 pela Organização Internacional para as Migrações (IOM), revela que uma característica da emigração da América do Sul é que ela geralmente está relacionada a questões de trabalho, incentivada por crises econômicas e instabilidade política nos países de origem. Assim, “entender porque e como muitos migram só é possível averiguando as causas sociais que ocasionam essas migrações” (KLAGSBRUNN, 2008, p. 69).

Desse modo, compreender as migrações é uma das formas de entender o mundo a partir de perspectivas humanas e valorizar o contato e relações que essa mobilidade entre territórios possibilita. Buscamos, então, reunir autonarrativas de imigrantes moradores da cidade de São Paulo, com o propósito de evidenciar as experiências dessas pessoas ao se inserirem em uma nova sociedade e adquirirem a necessidade de aprendizagem acerca de uma nova língua.

Em relação à metodologia, a presente pesquisa é qualitativa, cujos métodos de geração de dados envolveram a coleta de autobiografias de pessoas translíngues. Para este artigo, analisamos as autobiografias de experiências pessoais e de aprendizagem de línguas maternas e/ou estrangeiras dessas pessoas, para uma melhor identificação de cada um dos participantes durante a leitura, apresentamos cada uma delas (nomes fictícios). Poncho é boliviano, tem 30

<sup>1</sup> Inaugurada em 1887, a Hospedaria de Imigrantes se tornou o principal local de abrigo dos estrangeiros recém-chegados. Nesse sentido, o antigo prédio da Hospedaria – hoje sede do Museu da Imigração – foi cenário de expectativas, conquistas e angústias de mais de 2,5 milhões de pessoas que formaram um intenso entrelaçamento étnico entre 1887 e 1978 (MUSEU DA IMIGRAÇÃO).

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

*Daniel de Mello Ferr*

*Marina Evangelista*

anos e trabalha como analista de qualidade em uma multinacional americana. Vive no Brasil há mais de 15 anos, onde estudou a partir da 6ª série. Jaqueline também é boliviana, tem 21 anos e veio para o Brasil com a família ainda criança, sendo criada entre o espanhol e o português. Emiliano é italiano, tem 69 anos e é engenheiro elétrico aposentado. Criou-se na Argentina, onde realizou seus estudos. Vive no Brasil há mais de 30 anos.

Após apresentadas as considerações iniciais e a metodologia, o artigo está dividido em duas partes. A primeira apresenta um panorama sobre a questão da imigração no Brasil e no mundo, analisado juntamente a trechos das autobiografias coletadas, mostrando, também, os desafios e experiências individuais dos participantes em nível local (cidade de São Paulo). Na segunda parte, estabelecemos uma relação entre translinguismo e educação linguística em línguas materna e estrangeira, utilizando dados das autobiografias. Nessa seção, destacamos a importância da utilização de estratégias pedagógicas mais híbridas e inclusivas para a inclusão de alunos imigrantes nas aulas de línguas materna e estrangeira e, por conseguinte, na sociedade.

## **2 A questão da imigração no Brasil e no mundo: narrativas sobre translinguismo e imigração**

A movimentação de grupos de indivíduos, geralmente em busca de melhores condições de vida, é um importante fator constituinte da história dos humanos na Terra. Segundo Klagsbrunn (2008), seja para buscar alimentos para a população crescente ou devido a desastres naturais, os grupos humanos sempre se viram forçados a buscar novos lugares para viver. O estilo de vida nômade dos primeiros sapiens, o êxodo dos hebreus e as constantes migrações europeias pós-Segunda Guerra Mundial são alguns exemplos históricos que conhecemos.

No âmbito global e moderno, de acordo com Bógus e Fabiano (2015, p. 129), as migrações constituem “transformações econômicas, demográficas, políticas e sociais que ocorrem no seio de uma dada sociedade que fazem com que as pessoas migrem”. Os motivos para essas migrações têm causas distintas, a depender do período histórico e do contexto geográfico. Em nossa sociedade, regida pela lógica capitalista, pessoas que não encontram

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

*Daniel de Mello Ferr*

*Marina Evangelista*

quem pague o suficiente por sua força de trabalho, que sofrem com o desemprego ou com empregos em condições subumanas procuram novas oportunidades em outros centros econômicos que possam lhes dar mais oportunidades, seja no mesmo país ou no exterior.

De acordo com Klagsbrunn (2008, p. 70), desde o início do capitalismo, “a rápida inovação nos sistemas de transporte humano e de comunicações, característica do período pós-segunda guerra mundial, permitiu uma mobilidade humana sem precedentes”. Essas transformações no continente europeu desencadearam um deslocamento em massa da população, tanto internamente como de formas intra e extracontinental (CROSA, 2015). Dessa forma, as fronteiras nacionais começaram a tornar-se mais acessíveis e permeáveis à migração, por mais que muitas vezes os países tentassem evitá-la.

Dentre as autobiografias coletadas durante a pesquisa, nos deparamos com experiências de imigração forçada nesse período. Emiliano, imigrante italiano, por exemplo, conta que sua família migrou da Itália para a Argentina exatamente para fugir da pobreza que assolava a Europa após o grande conflito armado:

Emiliano: “Ao final da Segunda Guerra Mundial, por conta da crise alimentar e econômica que assolava a Europa, meus pais, Maria e Giovanni resolveram migrar para Buenos Aires, Argentina. Chegaram durante o governo do general Juan Domingo Péron, em 1951. Eu contava com aproximadamente 1 ano e meu irmão Antonio 3 anos de idade”.

Percebe-se que sua família não atravessou mares e chegou à América por pura vontade de imigrar, e, sim, por necessidade, pois buscava melhores condições de vida, característica elementar dos fluxos imigratórios. Com a Europa devastada, a América Latina configurou-se como um importante destino para os imigrantes no período pós-guerra, algo que viria a marcar grandes transformações econômicas e sociais ao redor de todo o mundo.

Segundo Lanza e Lamounier (2015, p. 90), “no Brasil, a imigração subsidiada<sup>2</sup> teve grande importância; na Argentina, prevaleceu a imigração espontânea.” Esses dois países foram os representantes mais expressivos no acolhimento desses imigrantes no período pós-

<sup>2</sup> A imigração subsidiada ou subvencionada visava a estimular a vinda de imigrantes. As passagens eram financiadas, bem como o alojamento e o trabalho inicial no campo ou na lavoura. Os imigrantes se comprometiam com contratos que estabeleciam não só o local para onde se dirigiriam, como igualmente as condições de trabalho a que se submeteriam (IBGE, 2020).

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

*Daniel de Mello Ferr*

*Marina Evangelista*

guerra, tanto por meio de incentivos do governo ou por escolha própria, percebendo-se um movimento em direção a regiões “periféricas” do globo, que antes não seriam de interesse para ninguém.

Após mais de cinquenta anos do início desse processo, de acordo com dados do relatório anual Tendências Globais do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), atualmente 70,8 milhões de pessoas estão em situação de deslocamento forçado no mundo. Esse número representa um aumento de 2,3 milhões na comparação com 2017 e equivale ao dobro dos deslocamentos forçados registrados 20 anos atrás. O relatório aponta que esse número reflete uma perspectiva conservadora, visto que não abrange os imigrantes ilegais ao redor do mundo, com destaque para os venezuelanos, ou seja, “embora a maioria dessa população necessite de proteção internacional para refugiados, apenas meio milhão tomou a decisão de solicitar refúgio formalmente” (ACNUR, 2018). Para esses milhões de migrantes e refugiados, as fronteiras não desapareceram. Pelo contrário, para eles, os muros estão cada vez mais altos, principalmente as muralhas das nações mais influentes e responsáveis pelo processo de exclusão daqueles que buscam seus territórios para viver e trabalhar (BÓGUS; FABIANO, 2015).

No contexto brasileiro, nossa sociedade foi construída, historicamente, com base em grandes deslocamentos populacionais. Estamos acostumados a ver o País como um país de imigração, incentivada e forçada para atender à demanda por braços desde a expansão da cana-de-açúcar e da extração do ouro com trabalho escravo de africanos, à expansão do café com força de trabalho semi-assalariada, especialmente de migrantes vindos da Europa, até a industrialização moderna na região de São Paulo, com força de trabalho de migrantes vindos de outras regiões do País, especialmente do Nordeste (KLAGSBRUNN, 2008).

Com isso, pode-se dizer, que “o Brasil para os brasileiros” é uma visão utópica. Há, atualmente, uma disseminação de ideias nacionalistas que se opõem a todos os processos que possam, segundo essa ideologia, “destruir a identidade do País ou transformá-la”. Entretanto, conforme exposto, desde sua constituição, pessoas de diversas etnias e lugares tiveram um papel essencial para a construção do Brasil. Sendo assim, essa hegemonia nacional intocável

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

*Daniel de Mello Ferr*

*Marina Evangelista*

com tendências a apologias e à supremacia branca não encontra fundamentação histórica ou sociológica.

Dando seguimento à linha do tempo histórica, após o período da Segunda Guerra, a taxa de imigrantes que escolhem o Brasil como destino volta a cair. Visto que alguns países considerados mais desenvolvidos da Europa e os Estados Unidos passam a constituir-se tradicionalmente como destinos migratórios, por supostamente brindarem melhores perspectivas de vida aos recém-chegados (BÓGUS; FABIANO, 2015).

Entretanto, na virada deste século, de acordo com Bógus e Fabiano (p. 126), “a entrada de estrangeiros no Brasil voltou a se configurar como um movimento crescente, com “grupos advindos tanto de países desenvolvidos quanto de países pobres, principalmente da América Latina”. Segundo Baeninger (2012), é após os anos 1970 que o Brasil passa a voltar a conviver com a emigração e a imigração internacionais. Caminhando pelas ruas do centro de São Paulo fica nítido o grande número de estrangeiros vivendo nessa cidade, muitas vezes em situações precárias. Sendo assim, a pureza nacionalista buscada por muitos conservadores é um mito, que nega toda a nossa história e cultura.

Surge, então, o questionamento do motivo que fez com que o Brasil passasse a se tornar, a partir do final do século XX, destino de um grande fluxo de imigrantes e refugiados. De acordo com Bógus e Fabiano (2015, p. 130), “a crise econômica iniciada no ano de 2007 nos Estados Unidos e agravada em 2008 afetou de forma substancial a Europa e o Japão e introduziu uma maior complexidade nos eixos de deslocamento das migrações sul-americanas, especialmente no Brasil”.

Aliada a isso, houve uma elevação da influência do Brasil internacionalmente no início dos anos 2000, tanto política como economicamente, o que ampliou sua capacidade de atração para os imigrantes internacionais que viam o Brasil como “o país do futuro” (BÓGUS; FABIANO, 2015). Frente a isso, o Brasil assume a posição de referência regional na América Latina, o que contribui para que se tornasse um destino procurado. Em sua autobiografia, Poncho, imigrante boliviano, propaga essa visão idealizada do Brasil pelos olhos de nossos vizinhos sul-americanos.

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

Daniel de Mello Ferr

Marina Evangelista

Poncho: “Acho que com uns 7 anos mais ou menos, comecei a ver e ouvir falar coisas sobre futebol, então um dos países que sempre me falavam era o Brasil, sobre como o país era bom, além é claro que o meu avô costumava muito falar que gostava de assistir ao desfile de carnaval do Brasil. Quando jogava futebol com meus amigos e primos, brigávamos para escolher qual jogador você seria, sempre voltados para times brasileiros ou argentinos”.

Notamos nessa narrativa a visão de um Brasil modelo, que exportava aos países vizinhos uma cultura e modo de vida “bom para se viver”, o que passa a atrair imigrantes. Com o advento da globalização e a evolução crescente de recursos tecnológicos, a distância entre as nações diminui, facilitando o acesso à informação. Nesse sentido, o Brasil passa a atrair não somente turistas, mas também potenciais moradores da América do Sul.

Entretanto, apesar das leis e de todo o peso histórico da imigração nas sociedades contemporâneas, mais especificamente no Brasil, ainda há muita desconfiança e preconceito quanto ao tema. Atualmente, devido a uma crescente valorização da competitividade e da falta de empatia entre as pessoas, associadas a um aumento do sentimento nacionalista e conservador em diversos países (EUA, Brasil, Hungria, Polônia, Reino Unido, para citar alguns), as sociedades têm cada vez mais aumentado os seus mecanismos de discriminação e de exclusão dos mais necessitados, entre eles imigrantes e refugiados que buscam melhores condições de vida fora de seu país. Por conseguinte, “as barreiras ao livre trânsito dos migrantes têm sido frequentes e exacerbam os mecanismos de seletividade estrutural” (BRITO, 2009, *apud* BÓGUS; FABIANO, 2015, p. 129). No tocante a essa seletividade acerca do estrangeiro, Poncho expõe como esse preconceito marcou sua chegada no Brasil quando da passagem dela pela fronteira, ainda criança.

Poncho: “[...] a viagem era cansativa, muitas famílias bolivianas indo para o mesmo lugar. Chegamos na fronteira, passamos pela imigração e após conseguir passar, pegamos um ônibus de viagem em Corumbá. Lembro que todas essas pessoas nos tratavam muito mal, como se a gente fosse animal ou sei lá, estivéssemos fazendo algo errado, mesmo assim o nosso caso ainda foi mais tranquilo porque o meu pai tinha documentos daqui do Brasil”.

Esse trecho toca em um ponto muito delicado, já que uma experiência assim marca negativamente a vida de uma criança, que teve discernimento para perceber o tratamento degradante que recebeu. Antes mesmo de estabelecer-se no novo país e deparar-se com as barreiras da língua, da cultura, da convivência na escola, a criança já começa a perceber as



Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

*Daniel de Mello Ferr*

*Marina Evangelista*

dificuldades que estão por vir e o estigma que ronda o estrangeiro advindo da América Latina. É curioso, pois, em sua autonarrativa, Poncho se deu conta da divisão entre “nós versus eles”: como seu pai tinha documentos brasileiros, ele sente que sua entrada ainda foi mais tranquila; ou seja, quem está do outro lado da linha não merece o mesmo tratamento que os cidadãos do Brasil.

De certa forma, esse fanatismo nacionalista que luta contra o estrangeiro em suas fronteiras vai contra os preceitos da humanização ou mesmo de uma globalização não hegemônica nos termos de Appadurai (1999), pois o autor defende uma aproximação entre as diversas sociedades e nações existentes no mundo, seja no âmbito econômico, social, cultural ou político. Porém, apesar desse caráter aparentemente integrador, é fato que o principal destaque dado pela globalização está na integração de mercados existentes entre os países, ou seja, há um apagamento das fronteiras para o dinheiro, mas não para a livre circulação de pessoas.

Podemos contrastar com a experiência de Poncho, a narrativa de Emiliano, que ao migrar para o Brasil, já adulto e com diploma universitário, não teve qualquer dificuldade de arrumar um emprego e integrar-se.

Emiliano: “Como minha mãe tinha uma irmã que morava em São Paulo, eu tinha o hábito de passar férias por aqui e comecei a me familiarizar com o português. No final da ditadura militar do general Videla eu decidi vir morar no Brasil. Para tanto, precisei fixar residência e tirar o Registro Nacional de Estrangeiros, que demorou quase um ano para ser expedido. De posse do documento, fiz o pedido de Revalida na USP para obter o registro no CREA- SP e assim poder exercer a profissão de Engenheiro Eletrônico. Em 1982, iniciei as atividades de engenheiro na Empresa Begli Componentes Eletrônicos”.

Diferentemente dos muitos imigrantes que chegam ao Brasil sem qualificação e precisam sujeitar-se a subempregos e condições de vida cruéis, Emiliano, de posse de um diploma universitário e da nacionalidade italiana, consegue, já de início, um cargo alto em terras brasileiras. Percebe-se que a onda ultranacionalista não é algo de hoje e que desde sempre houve um critério de seleção, do que seria bom para o País. Segundo essa lógica, imigrantes sem qualificação e de certos países sempre encontram mais dificuldades para integrar-se.

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

Daniel de Mello Ferr

Marina Evangelista

Essa relação entre qualificação e aceitação social dos imigrantes se reflete nos números relativos à entrada de imigrantes de longo tempo e imigrantes temporários. Nota-se que, no Brasil, há nitidamente uma divisão clara entre os imigrantes provenientes do norte e do sul global. De acordo com dados do Relatório Anual da OBMigra (2019), a maior parte dos imigrantes de longo termo, ou seja, aqueles que permanecem por mais de um ano no País, vem de países do hemisfério sul. Analisando essas tendências, pode-se dizer que essa distinção das modalidades migratórias entre norte e sul explicita as antigas “linhas cartográficas abissais que demarcavam o Velho e o Novo Mundo na Era Colonial” (SANTOS, 2007, p. 71). A distinção entre os territórios primitivos e civilizados se perpetua até hoje, estruturando o pensamento moderno ocidental e servindo de base para o estabelecimento de relações políticas e culturais, que seguem excluindo tudo o que não pertence às “sociedades metropolitanas”.

Esse pensamento abissal divide a sociedade em dois universos distintos: o deste lado da linha e o do outro, demarcam fronteiras e dividem cidades em zonas centrais e periféricas, por exemplo (*ibid.*, p. 79). Desse modo, não existe a possibilidade de coexistência dos dois lados da linha, visto que a realidade e as necessidades do outro são apagadas pelos Estados hegemônicos. Os países que detêm o poder definem o outro lado da linha como ilegal, que não seria bem-vindo lá. Sendo assim, nota-se que, apesar de as colônias terem reclamado sua independência das metrópoles, a dominação e o imperialismo continuam, mesmo que de outra forma, e a exclusão se repete tal como no ciclo colonial.

Os imigrantes temporários vindos do hemisfério norte geralmente são bem-vindos ao entrarem no país, pois são vistos como capital especializado que ajudará na economia, já que vêm de países considerados desenvolvidos. Já os imigrantes dos países mais pobres do hemisfério sul são vistos com desconfiança e preconceito quando chegam aqui e, mesmo que o Brasil pertença “do outro lado da linha”, como todos esses países do sul global, a sociedade brasileira se coloca numa posição superior frente a esses países que enfrentam situações mais difíceis que a nossa.

O processo de marginalização do imigrante é um problema mundial, e o sonho americano buscado por muitos, não está disponível para todos. Devido aos baixos salários,

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

*Daniel de Mello Ferr*

*Marina Evangelista*

estrangeiros são levados a viver em zonas periféricas, pobres, com alta incidência de criminalidade, sem encontrar assistência por parte do Estado e sem condições para se desenvolverem de maneira minimamente digna. A vida desses imigrantes se resume a trabalhar para juntar dinheiro, o que acaba lhes custando muitas vezes a saúde mental e física, a qualidade de vida e a convivência em família, fatores essenciais para a existência de qualquer ser humano. Os Estados Unidos, “terra de oportunidades”, onde as pessoas prosperam e são felizes, se mostram uma grande ilusão. E, devido à ideologia política de nossos governantes, o Brasil se mostra cada vez mais alinhado a esses ideais.

Em nossa sociedade, regida pela lógica neoliberal, de acordo com Marinucci e Milesi (2005), “verifica-se o crescimento econômico sem o aumento da oferta de emprego”, o que faz com que as pessoas migrem em busca de trabalho. Seguindo a lógica capitalista, que aplaude a meritocracia, muitas pessoas dedicam a vida para o trabalho, para ganhar dinheiro e ter uma vida estável. Atualmente, impera a lógica do lucro e isso faz com que pessoas sejam vistas, de certa forma, como descartáveis e objetos de negociação.

De acordo com Bógus e Fabiano (2015), grande parte dos imigrantes é marginalizada e excluída do bem-estar material no país de acolhimento. Entretanto, a marginalização e exclusão não impedem os fluxos migratórios, dos quais milhões de indivíduos buscam fugir, na maioria dos casos, da fome, da miséria e de conflitos armados. Poncho e Jaqueline também são exemplos de crianças que chegaram com suas famílias em busca de melhores condições de vida. por medo da pobreza e do desemprego, muitas pessoas são empurradas para fora de seus países.

Os recém-chegados passam a ser vistos como uma ameaça ao mercado de trabalho, à qualidade dos serviços públicos e como responsáveis pelo aumento da violência. Essas inquietações surgem não somente entre a população, mas também entre os próprios governantes que acabam adotando medidas mais restritivas com relação à pauta da imigração, como o “estabelecimento de maiores restrições e impedimentos legais, na tentativa de “equacionar” a questão migratória vista como problema” (BÓGUS; FABIANO, 2015, p. 132).

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

Daniel de Mello Ferr

Marina Evangelista

Diante do crescimento na taxa de entrada de imigrantes no país, após 2014, o País começa a passar por uma crise econômica, o que faz com que aumente entre a população a visão do imigrante como “indesejado” que estaria agravando essa situação (BÓGUS; FABIANO, 2015). Muitas opiniões e reportagens passam a circular pelas redes sociais, disseminando os mais diversos pontos de vista.

Com a crescente força que os movimentos conservadores vêm ganhando no Brasil, há um aumento de manifestações ofensivas, racistas e xenófobas dirigidas aos imigrantes e refugiados, seja por meio de ataques físicos ou pelas redes sociais, principalmente destinadas aos africanos e sul-americanos, o que reforça o poder das linhas abissais invisíveis que nos dividem, o *nós* e o *eles*. O ódio é um sentimento que está sendo muito valorizado atualmente; está sendo endossado pelos discursos de políticos que prezam por tempos sombrios de ultraconservadorismo e desejo constante de eliminação do outro, do diferente, que não se encaixa no padrão da “família tradicional brasileira”. Por isso, “esses imigrantes vivenciam situações de preconceito e desconfiança, sem que haja a mediação de políticas para atenuar tais processos e facilitar a inclusão social” (BÓGUS; FABIANO, 2015, p. 130).

Dessa forma, minorias como imigrantes, negros, comunidade LGBTQIA+, entre tantas outras passam a ser tratadas como supostos inimigos que devem ser combatidos e vencidos para que essa utópica sociedade conservadora e puramente nacionalista seja construída, pautada sob um único ponto de vista: o da elite dominante. Tudo isso faz que nossas instituições democráticas se enfraqueçam diante de um constante bombardeio de notícias falsas, sem fundamentos teóricos e científicos.

Acentuando essa divisão entre dois mundos, algo que chama a atenção no discurso xenófobo é que os fluxos migratórios são vistos como algo prejudicial, hoje em dia, diferentemente do que eram as migrações do passado, quais sejam, de portugueses, alemães, italianos, japoneses e libaneses, pois “os imigrantes originários do hemisfério norte eram mais desejados pelo papel que desempenhavam na “ocupação” de territórios” (BÓGUS; FABIANO, 2015, p. 130).

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

Daniel de Mello Ferr

Marina Evangelista

Consoante ao exposto, as diferenças de tratamento entre norte *versus* sul percebem-se nas narrativas de nossos participantes. Emiliano, europeu, não relatou nenhuma situação de discriminação vivida em terras brasileiras. Pelo contrário, suas experiências mostram ter sido sempre bem acolhido. Já Poncho nos revela algumas situações em que sua condição de boliviano lhe trouxe constrangimentos.

Poncho: “Eu odiava ir comprar pão, toda vez que chegávamos o pessoal da padaria parava para dar risada de como tentávamos falar as coisas, ficavam pedindo para repetir a mesma coisa por diversas vezes, o que nos deixava mais constrangidos ainda. Sem contar com todos os trocadilhos que faziam com a gente, e que parecíamos ou éramos indiozinhos. (...) Depois de um tempo começamos na escola, entramos no começo de abril, meu pai então dizia que sempre tinha que estar bem vestido para ir à escola, quando chegamos e vimos os outros alunos lembro que fiquei muito envergonhado já que apesar das roupas serem a mesma cor dos uniformes, éramos os únicos da escola que estavam usando social, camisa manga comprida e penteado social, então por um bom tempo fomos vestidos assim, então éramos alvos de risadas e conversas de outros alunos. No começo os alunos populares, por assim dizer, tentavam me convencer e trocar o nome de objetos por xingamentos, claro que eu sabia que era tudo mentira, sabia da atitude errada deles”.

Analisando o relato, é preocupante ver que adultos, em plena consciência, zombam de uma criança pelo simples fato de essa ter um sotaque diferente. As crianças, devido à fragilidade intelectual e emocional da fase em que se encontram, acabam sendo um alvo fácil para hostilidade e atitudes negativas das pessoas. Esse tipo de discriminação, nesse caso, linguística, reflete uma postura preconceituosa e estigmatizante de nossa sociedade, vista por muitos como “apenas uma brincadeira”, mas que pode ferir efetivamente.

Nota-se, em seguida, a palavra *índio* sendo usada de maneira pejorativa, como um insulto. Silva e Mello (2017) afirmam que, no Brasil, mais especificamente em São Paulo, foram desenvolvidas imagens negativas para caracterizar as pessoas provenientes da Bolívia, principalmente associando-as a determinados traços somáticos. Esse processo de estigmatização ocorre por meio da imposição de características negativas a indivíduos pelas forças sociais, culturais, políticas e econômicas que os envolvem. Esses atributos, porém, são majoritariamente estereótipos que os membros da sociedade criam para determinado tipo de pessoa.

De acordo com Goffman (1981, p. 5), “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

*Daniel de Mello Ferr*

*Marina Evangelista*

membros de cada uma dessas categorias”. Nesse caso, para a sociedade paulistana, ser índio é considerado algo negativo e inferior ao padrão branco normativo.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é o estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande (GOFFMAN, 1981, p. 6).

Apesar de todo esse repúdio com os estrangeiros, do ponto de vista econômico, a imigração ilegal e de imigrantes sem formação geralmente acaba sendo conveniente para algumas empresas privadas, que se aproveitam da situação vulnerável dos recém-chegados e os exploram. Essas pessoas cruzam fronteiras com toda sua família e têm que reestruturar sua vida em um lugar totalmente novo para que surja uma mínima possibilidade de trabalho, ou mesmo de sobrevivência. Entretanto, “a princípio, essas pessoas raramente encontram condições dignas de vida e terminam por ocupar os postos mais degradantes de trabalho” (DE MARCO, 2015, p. 1). Desse modo, há de se pensar: quem os projetos de integração atual beneficiam: os setores privilegiados da sociedade, o capital ou a população excluída que sofre em seu país de origem? Para explicar essas contradições presentes na lógica das sociedades neoliberais, Santos (2007) apresenta o termo fascismo contratual, que ocorre em contextos “em que a diferença de poder entre as partes do contrato de direito civil [...] é de tal ordem que a parte mais fraca, vulnerabilizada por não ter alternativa ao contrato, aceita as condições que lhe são impostas pela parte mais poderosa, por mais onerosas e despóticas que sejam” (SANTOS, 2007, p. 80).

Esse conceito explicita o fato de existirem casos de trabalho escravo no País. Quando falamos nas condições de trabalho subumano a que se submetem os imigrantes ilegais, reconhecemos que eles não veem outra alternativa a não ser aceitar as condições impostas por seus empregadores, por piores que possam parecer, para garantir um mínimo de sustento a suas famílias. Isso é desolador.

### 3 Translinguismo e imigração na educação linguística

A escola é um local de descobertas, no qual os alunos aprendem a viver em sociedade. Nesse ambiente, o processo de estigmatização se mostra ainda mais grave, pois moldará cidadãos que reproduzirão o que aprenderam ali. Todos os insultos, chacotas e “brincadeiras” vivenciadas por alunos imigrantes podem trazer consequências nocivas à construção da autoestima e da identidade das crianças e adolescentes. No caso supracitado de Poncho, vemos que além da língua, sua vestimenta, por uma questão cultural, também foi motivo de piada para os colegas.

Acerca das consequências que isso possa vir a acarretar, Cummins (1996) aponta que devido a essa rejeição sofrida no ambiente escolar, grande parte dos alunos que sofre *bullying* acabam internalizando inseguranças acerca de si próprios, o que geralmente interfere em seu desempenho escolar. Em sua narrativa, Poncho manifesta como consequência dessas atitudes por parte de seus colegas o seu isolamento.

Poncho: “Durante as aulas eu costumava ficar calado, apenas respondia a lista de chamada e muitas vezes sem vontade, porque sempre que eu falava alguma coisa os outros alunos davam risada ou me imitavam da maneira que eu pronunciava as coisas”.

Percebe-se que ainda falta uma preocupação de nossas escolas quanto à maneira de tratar os alunos estrangeiros em sala de aula. Conseguir matricular-se é de suma importância, porém, as escolas carecem de políticas que façam os estudantes se integrarem de forma mais completa na escola e na sociedade, levando-se em consideração aspectos linguísticos, étnico-culturais e socioeconômicos. Em relação aos imigrantes latino-americanos, o espanhol e o português são línguas parecidas, o que não impede, porém, que haja diferenças que podem causar constrangimentos e situações incômodas aos alunos, conforme pudemos comprovar através de trechos da autobiografia de Poncho. Sendo assim, tendo os alunos dificuldades com o português, como irão comportar-se durante as aulas de inglês? Fica evidente uma grande deficiência nesse sentido.

Jaqueline, imigrante boliviana, ressalta em sua autobiografia essa inquietação ao tratar de sua experiência, no Brasil, com a aprendizagem de inglês na escola. Jaqueline: Se

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

Daniel de Mello Ferr

Marina Evangelista

muitas vezes não sabia me expressar em português, quem dirá em inglês? Preferia evitar passar alguma vergoña.

Falar inglês é uma insegurança é comum a muitos alunos brasileiros durante as aulas, e podemos perceber que, para alguém que está aprendendo duas línguas ao mesmo tempo, seja algo ainda mais complexo. No que diz respeito à aprendizagem de línguas estrangeiras, as necessidades de alguém que tem como língua materna o espanhol são diferentes das necessidades dos alunos brasileiros. Essas especificidades devem ser levadas em consideração para que seja possível construir “uma escola para todos”, onde o ensino de línguas seja considerado essencial como forma de integração do indivíduo na sociedade brasileira. Visivelmente, não há uma preparação dos professores, e nem da escola, para lidar com esses alunos e suas particularidades. É papel da educação mudar essa situação e acabar com o preconceito para que as diferenças sejam respeitadas e acolhidas.

Dentro desse contexto, faz-se essencial o conceito de translinguismo e a necessidade de incluir essas teorizações nos cursos de Letras e nas formações docentes. Canagarajah (2011, p. 1) define o translinguismo como uma “prática que olha para os recursos verbais como interagindo sinergicamente para gerar novas gramáticas e significados, além de suas estruturas separadas”. O autor defende que o conceito surge para redefinir o papel da linguagem e do contexto na proficiência comunicativa e, conseqüentemente, dentro das instituições de ensino. Sob a ótica translíngue, a sala de aula pode ser o local onde práticas de comunicação colaborativas ocorrem, fazendo com que os alunos tenham a oportunidade de experimentar a vida como ela é: diversa e plural. Assim, os professores podem colaborar com a construção de uma visão crítica sobre linguagem, na qual normas linguísticas e regras não são conceitos absolutos, mas negociações que são utilizadas muitas vezes de forma inventiva, buscando a adequação em diferentes contextos.

O papel da escola seria, então, proporcionar a oportunidade de acesso e negociação de recursos linguísticos e semióticos diversos. Desse modo, Canagarajah (2013) assevera que “em um contexto de normas e convenções plurais, é importante que alunos estejam cientes da relatividade das normas. [...] O que define proficiência em zonas de contato



Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

*Daniel de Mello Ferr*

*Marina Evangelista*

globais não é o que sabemos, mas a versatilidade com que podemos fazer coisas novas com as palavras” (CANAGARAJAH, 2013, p. 192). Nesse sentido, sendo trabalhado durante a formação de professores nos cursos de Letras e em salas de aula de línguas estrangeiras, o processo de aprendizagem torna-se ativo, com o aluno assumindo papel de agente, com autonomia para escolher quais recursos de seu repertório linguístico irá utilizar. A escola se torna um local mais criativo e inclusivo.

Sendo assim, educação linguística é indispensável para a inclusão do imigrante na sociedade brasileira. Sem o domínio da língua não é possível comunicar-se, o que mina qualquer tentativa dessas pessoas de se sentirem de fato acolhidas no novo país. Trata-se, sobretudo, do respeito e consideração à língua do imigrante, que não deve ter sua língua tratada como menos importante, mas como algo que somente acrescenta ao processo de educação linguística, seja do português ou do inglês, visto que essas são as aulas que os imigrantes assistem nas escolas brasileiras. As práticas translíngues são de suma importância no currículo dos cursos de Letras, como forma de preparar profissionais mais qualificados para lidar com as diversas salas de aula que encontrarão ao longo da carreira; todas, com indivíduos singulares e com desafios variados.

As práticas heterogêneas servem, nesse contexto, para proporcionar um olhar mais cuidadoso e tolerante em relação aos alunos, e garantir que estratégias mais produtivas em termos de práticas translíngues sejam aplicadas para a participação ativa de todos. Como sinalizam García e Lin (2016), o translinguismo surge como recurso pedagógico muito produtivo para formar cidadãos mais questionadores, que possam refletir as relações entre língua e poder, cooperando para mudanças e novas possibilidades de perspectivas futuras.

Por conseguinte, educação linguística deveria ter papel protagonista na integração dos imigrantes por meio de novas perspectivas sobre língua e linguagem como sugerem as práticas translíngues (CANAGARAJAH, 2011, 2013; GARCÍA; LIN, 2016). Se o repertório linguístico de todos os alunos for levado em consideração durante o processo de aprendizagem, isso tornaria as aulas mais ricas e dinâmicas, visto que o inglês, o espanhol e o português se encontrariam e se mesclariam em sala de aula, cada qual colaborando à sua maneira para o processo de aprendizagem e inclusão. Além disso, essas mesmas línguas

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

Daniel de Mello Ferr

Marina Evangelista

não seriam vistas como entidades discretas, mas fluidas e em constante transformação por todos os seus usuários.

### Considerações finais

Devido ao surgimento de processos migratórios diferenciados no contexto pós-moderno em que estamos inseridos, é importante que o debate sobre imigração e o significado desses fluxos no contexto da inserção de cada país de origem e de destino no atual processo de reestruturação econômica internacional ganhem destaque para que se pensem em políticas e estratégias em situações que antes eram atípicas (BAENINGER, 2012). Torna-se necessária a atualização das normas e estratégias legais das instituições e dos Estados, a fim de que as necessidades e urgências dos imigrantes sejam atendidas.

Com a crescente onda conservadora presente no Brasil e no mundo, há uma tendência de se endurecerem as leis migratórias para a proteção da soberania nacional. Exemplos claros dessas abordagens são o *Brexit*, no Reino Unido, a construção do muro na fronteira entre México e Estados Unidos defendida pelo presidente Donald Trump e a expulsão de venezuelanos do Brasil, ratificada pelos discursos oficiais. Entretanto, uma regulamentação migratória mais rígida definitivamente agravaria ainda mais a situação dos imigrantes ilegais, principalmente entre fronteiras. Em um mundo no qual se falava cada vez mais em integração, globalização e pluralidade, parece que, cada vez mais, vão se construindo barreiras para qualquer variedade e para que somente uma verdade seja conhecida.

Devido à grande intensidade no fluxo de imigrantes e refugiados em todo o mundo, criam-se muitos estereótipos e inverdades em relação a eles: “que são selvagens, sem instrução, que vêm tomar nossos empregos”, entre tantos outros. Com os movimentos de ultradireita disseminando discursos de ódio e exclusão, é preciso dialogar com a voz dessas pessoas que, como todos nós, tinham casa, emprego, família, mas decidiram emigrar por diversos motivos. Em tempos de governo neoliberal, autoritário e conservador, as vozes dos imigrantes e dos estudantes multilíngues devem ganhar espaço e se fazer ouvir.

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

Daniel de Mello Ferr

Marina Evangelista

Dessa forma, por meio das autobiografias, interpretamos sentimentos, esperanças, desejos e ideologias, costurados em meio às mais diversas histórias de vida e experiências. Observamos e refletimos sobre como a relação dos países que recebem imigrantes deve compreender práticas heterogêneas sobre linguagem e de relação do outro consigo mesmo, por meio da autocrítica e do estabelecimento de políticas públicas nos campos sociais e de educação. Podemos dizer que, por meio das autobiografias coletadas, foi possível compor um panorama amplo e variado, que mostra como o ensino de idiomas se dá em contextos translíngues diversos.

Por meio dessas histórias, em um processo contínuo de construção e reflexão, notamos como, por meio da linguagem, que passado, presente e futuro se conectam de maneira contínua, marcando interações de indivíduos inseridos em contextos sociais variados. Cabe ressaltar também que, por meio das “costuras” entre as teorias e os dados (autonarrativas), enfatizamos, ao longo da pesquisa, a dimensão subjetiva e local das histórias, suas ambiguidades, influências e hegemonias implícitas, influenciadas por dimensões globais. Salientamos que não há mais como criar hierarquias linguísticas frente à revolução tecnológica e à intensificação dos deslocamentos de pessoas ao redor do mundo, conforme destacamos ao longo da pesquisa. Os imigrantes que deixam suas pátrias para buscar condições de vida melhor só querem condições dignas para viver com suas famílias e que seus direitos sejam respeitados. Todos só têm a agregar, positivamente, à diversidade linguística, educacional, cultural e econômica dos países de chegada. Os imigrantes não representam ameaça alguma! Esperamos que os governantes, as políticas educacionais e lingüísticas e a sociedade entendam isso. Muito se fala, mas pouco se faz sobre a construção de um mundo realmente sem fronteiras e de uma cidadania global ativa.

## Referências

APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. *In*: FEATHERSTONE, M. (org.). **Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 311-327.

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

*Daniel de Mello Ferr*

*Marina Evangelista*

BAENINGER, Rosana. O Brasil na rota das migrações latino-americanas. *In*: BAENINGER, R. (org.). **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2012. p.

BÓGUS, Lucia; FABIANO, Maria Lucia. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Ponto e Vírgula**, São Paulo, n. 18, p. 126- 45, 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. **Brasil registra mais de 700 mil migrantes entre 2010 e 2018**. Governo Federal, 22 ago. 2019. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/collective-nitf-content-1566502830.29>. Acesso em: 17 out. 2019.

CANAGARAJAH, Suresh. Navigating language politics: a story of critical praxis. *In*: NICOLAIDES, *et al.* **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes, 2013.

CANAGARAJAH, Suresh. Translanguaging in the classroom: Emerging issues for research and pedagogy. **Applied Linguistics Review**, p. 1–28, 2011.

CROSA, LicZuleika. Migracioneslatinoamericanas. Procesos e identidades: el caso uruguayoen Argentina. **Polis RevistaLatinoamericana**, n. 41, 2015.

CUMMINS, James. **Negotiating identities**: Education for empowerment in a diverse society. Ontario: California Association for BilingualEducation, 1996.

DE MARCO, Carolinsk. **Os migrantes e o trabalho precário**. Disponível em: <https://carolinsk.jusbrasil.com.br/artigos/324330107/os-migrantes-e-o-trabalho-precario?ref=feed>. Acesso em: 15 out. 20.

GARCÍA, Ofelia; LIN, Angel Translanguaging in bilingual education. *In*: GARCÍA, (Org.). **Bilingual and Multilingual Education (Encyclopedia of Language and Education)**. Dordrecht: Springer, 2016.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

International Organization For Migration. **World Migration Report 2020**. Genebra: IOM, 2020. Disponível em: [https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr\\_2020.pdf](https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf). Acesso em: 17 jan. 2020.

Vozes em movimento: narrativas sobre imigração e translinguismo na educação linguística

*Daniel de Mello Ferr*

*Marina Evangelista*

KLAGSBRUNN, Victor Hugo. Migração Internacional no século XXI: O caso dos brasileiros. *In: No somos extranjeros*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LANZA, André Luiz; LAMOUNIER, Maria Lúcia A América Latina como destino dos imigrantes: Brasil e Argentina (1870-1930). *Brazilian Journal of Latin American Studies*. 2015, v. 14, n. 26, p. 90-107.

MILESI, Roberto; MARINUCCI, Rosita. **Migrações Internacionais Contemporâneas**. Brasília: IMDH, 2005.

PATARRA, Neide; FERNANDES, Duval. Brasil: país de imigração? **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, v. 3, n. 24, 2011.

RIOS NETO, Eduardo L. G. **Managing Migration: The Brazilian Case**. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos estudos Cebrap, 2007.

SÃO PAULO. *Memória do imigrante*. Arquivo público do estado de São Paulo, 2020. Disponível em: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/memoria\\_do\\_imigrante](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/memoria_do_imigrante). Acesso em: 23 dez. 2019.